

VIRA MUNDO

A noite propícia pra festança. O céu misterioso, tranquilo e enluarado. As estrelas: Quais pequeninos balões de São João brincam esquecidas junto às nuvens de rendas de algodão. O sereno caindo. O vento soprando frio, típico da época. Ao redor o ranger dos grilos, o piarem da coruja e os animais vagam soturnos entre sons e estalos da floresta. Mês de festas juninas. A colônia toda enfeitada, tudo arranjado com fartura. Com prendas, violeiros e sanfoneiros. O patrão convidou toda a vizinhança, inclusive o negociante de produção rural, que vive atrás de dinheiro e mulheres bonitas. Vixe! As beatas terão muita conversa pro ano inteiro. Depois que tudo voltar na rotina, à vida de semear, cuidar e colher de sol a sol.

A Rosinha, moça dócil, admirada por todos ta maravilhosa como nunca. Margarida, a moça falada, ta toda prosa, garça ligeira. O Patrão, o Seu Douto, e a rapaziada não dão folga na dança ao som do arrastapé. Há poeira pra todo lado, já tem gente de porre, sorrindo, achando a vida feliz. Lá na porteira sob o luar, o negociante, o homem da cidade, e a Margarida, juntos e os boatos se alastrando, todo mundo procurando pela Rosinha. As moças solteiras fazendo simpatias desejosas para se casar. O corre-corre só parou quando sua mãe a localizou fazendo xixi por detrás da moitinha, no mato.

A festança só terminou de manhãzinha. A fogueira ainda estalando, as ultima brasas queimando. Já no horizonte o Sol despertou de porre, com apenas meio olhar, mesmo assim, tingiu de ouro a roça de milho. O vento bailando as cabeleiras do milharal. E o algodoeiro qual bandeira universal. O cantar vibrante da passarada devolveu a algazarra da noite anterior. Quando tudo parecia poesia veio à faculdade da vida com as suas revelações. Tudo ficou estarrecido, entristecido. Eis que surgem os maquinários trazendo o progresso para os senhores das fazendas. E o desemprego na terra mais querida. Onde nasci, cresci e vivo até agora. É o amor em latifúndio, amordaçado na fumaça do óleo dos motores, das roçadeiras e colheitadeiras.

O Pai, conhecedor das terras, das plantações e colheitas que trazem a pimenta e sal pra mesa do doutor, têm gestos simples, não sabe ler nem escrever, mas conhece o suor que o sol proporciona e os olhares das pessoas. Vira mundo: Sim senhor meu Pai! Filho! Junta nossas mudanças depois de muitos anos aqui o trabalho terminou.

Na caminhada para cidade, a estrada de terra cheia de percalços, mas os campos todos floridos deram orgulho de se ver, o acerto de contas pelo trabalho foi reduzido, pois a colheita esta sendo feita com as máquinas de braços de ferro, e nós: O Pai, A Mãe e Eu, na boleia do caminhão; na carroceria outros compadres e comadres com os seus filhos vendo isso tudo ficar pra trás.

Apesar da beleza ao redor e o seu olhar mirar aquela direção, o Pai está olhando para o nada, talvez fosse à porta do medo, da vida nova, que se descortina a frente.

A vida urbana de alugueis caros, de escolas sem vagas, prédios e bancos com ar condicionado, de ruas populosas, e tumulto e barulho, pra lá e pra cá, de vida diferente, o susto foi maior, o desemprego na

cidade. O som que embala esse ambiente não é o compasso da viola, da sanfona ou do ar verdejante do campo, mas sim o grito do vendedor que espera o papel moeda ao entregar o produto ao consumidor. Às vezes acontece o pior, o sangue escorre na sarjeta invés da água límpida dos riachos em meio à relva. E sem reserva o único refugio é o do cimento frio, onde o Sol nasce quadrado.

Ninguém soube reconhecer o seu valor quando mostrava as marcas e as cicatrizes, das mãos calejadas das plantações e colheitas que deixam farta a mesa do morador da cidade.

Logo a desesperança, a lembrança rolou feita lágrima na face e o pensamento do Pai explodindo em súplica: Vira mundo leva-me daqui de volta para onde é o meu lugar! Vira mundo! Vai para qualquer pedaço de chão onde eu possa, com vocês, viver e plantar.